CORPO, DENSIDADE E LIMITE

A exposição aborda a memória do próprio lugar onde o MACE se encontra instalado: o Antigo Hospital da Misericórdia. É a quarta mostra da Colecção António Cachola, e apresenta grande número de obras inéditas ou confere a algumas obras já conhecidas novos sentidos.

Um Hospital é um lugar central na história das sociedades: lugar onde o corpo doente é tratado, onde as vidas existentes se salvam ou se perdem, ou onde podem nascer novas vidas. Um Hospital concentra no seu interior a possibilidade do nascimento, da cura ou da morte: pode ser visto como Centro do Mundo e como alegoria do próprio Mundo.

O edifício onde nos encontramos, sendo o hospital civil de uma cidade militarizada, serviu, ao longo de três séculos, os cidadãos do Concelho e ainda muitos vizinhos espanhóis. A sua fundação deriva de uma das iniciativas mais interessantes do assistencialismo público europeu, a do movimento quinhentista das Misericórdias; a sua arquitectura actual exprime uma moderna concepção de espaços (grandes enfermarias) e a persistência de uma forte marca ideológica tradicionalista (guardando o piso superior, luminoso e alto, para os homens e o inferior, recatado e baixo, para as mulheres).

Parte significativa da actual população da cidade e do Concelho pode ainda recordar-se de dentro destas paredes ter sido tratada, ter visto nascer filhos e netos, ter-se despedido de alguns entes queridos. O Hospital está, agora, transformado num local de celebração da Vida. A Arte é sempre manifestação da Vida na sua totalidade: porque reflecte sobre o que nasce e o que morre, sobre o que cresce e decai, sobre o que é bom e mau, sobre o que liberta e o que oprime.

A Arte Contemporânea perdeu a ligação com os símbolos mais reconhecíveis da arte religiosa ou laica do passado: os seus grandes temas e narrativas. A Arte Contemporânea trabalha sobre o efémero e com o efémero, com o fragmento; e reflecte assim o tempo de deriva e inquietação, de crítica, sátira e desconstrução que nos é dado viver. Nunca como agora tivemos consciência da densidade ou fragilidade dos nossos próprios corpos; confrontados com tão infinitas possibilidades de expansão material e tão instáveis limites éticos para a intervenção na vida e na morte, não temos modelos firmes que nos guiem...

Nesta selecção, os artistas da Colecção permitem-nos colocar no campo imediato da actualidade o enorme conjunto de grandes e pequenas questões da história da cultura e da arte.

Piso 1

No espaço de entrada há obras que anunciam o percurso museológico que se inicia. Nesta montagem temos duas esculturas: *Sem Título*, 2003, de **João Galrão**, e *Sem Título (S)*, 1999, de **Rui Sanches**, duas leituras possíveis para um corpo entre a forma e o informe. Na sala seguinte, ao tomarmos conhecimento da colecção e da presente mostra, são-nos apresentadas duas obras: *Um Corpo Nu Coberto de Flores II,* 1999, de **Rui Chafes**, evoca no próprio título a morte e, na sua forma, um voo ou uma flor negra; já *Sem Título,* da série *Invenções, Caprichos, Arquitecturas,* 1994, de **Pedro Calapez**, ao citar as ruínas da Roma Imperial (tal como foram registadas no séc. XVII, em gravuras, por Piranesi) evoca mesmo a queda de uma civilização.

Na sala de entrada na exposição, a peça (*Wash and Go*, 1998) de **Joana Vasconcelos**, recebe-nos como sempre, obrigando-nos a uma limpeza simbólica antes de entrarmos num mundo das representações dolorosas e directas que **Nuno Viegas** constrói a partir do tema directo do hospital e da morte. Por isso, ao fundo, a fotografia de **João Paulo Serafim** (*Sem Título*, 1998) pode funcionar como contraponto, apresentando-nos um manequim despido de uma mulher como norma de beleza abstracta.

Na Galeria 1, a instalação (*Sem Título (Lar, Doce Lar no quarto XII*), 1994) de **Xana**, na sua lógica de repetição, opõe a monotonia da vida doméstica à massificação violenta da higiene hospitalar. Do mesmo modo, a beleza calma da gravidez mostrada na foto de **Tânia Simões** (*Sem Título*, 2000) faz face à agressividade vital de um parto no último desenho de **Nuno Viegas** (*Sem Título*, 2007). E se os três recortes de **Manuel Rosa** (*Sem Título*, 1996) são delicadas presenças-ausências de corpos vivos de luz-sombra, já as suas duas massivas figuras de barro (talhas gigantes modeladas como corpos mas sem cabeça) (ambas *Sem Título*, 1998) nos recordam de modo brutal uma ausência que é a da morte. A mesma morte que nas três fotos de **André Gomes** (*Requiem* da série *A Carreira do Libertino,* 1994) nos remete para a história da cultura e da política do séc. XX (entre Lenine e Dalí), ou que, em **Marcelo Costa** (*Sem Título*, 2000), irónica ou amargamente, se torna corpo instável transformado em linha de água onde nada um despropositado pato.
Na Sala 3, o vídeo de **João Onofre** (*Sem título (we will never be boring),* 1997, oferece os corpos individuais e sociais de dois casais: em choque ou numa corrida infinita e sem solução na direcção um do outro.

Na Galeria 2, uma peça nunca mostrada em Portugal de **Fernanda Fragateiro** (*Público/Privado – doce calma ou violência doméstica*, 1995-97), pensa a condição feminina através do estilhaçamento da sua imagem no espelho. De fragmentação nos fala também o desenho de **Rui Sanches** (*Sem Título*, 1999). A escultura de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, 1995), o seu desenho (*Sem Título*, 1999) e a dupla gravura que o precede (díptico, *Sem Título*, 2006) são momentos em que o peso de um corpo "morto" e circunscrito por um esquife ou caixão se pode redimir na leveza de uma cor: o azul.

O soldado de **Manuel Botelho** (*61. / 62. / 63. embs,* da série *Confidencial / Desclassificado I: Inventário*, 2007-08) ao encenar uma cena sagrada (como se fosse o tríptico de um "Cristo em Majestade") pode acentuar a crueza encenada da cena real de dois assassinatos, o de Humberto Delgado e de Steve Biko, integrado na série *A Última Visão dos Heróis*, 1995-2008, que **Luís Campos** pretende documentar. Mas esse efeito é também alcançado por **Pedro Barateiro** (*De Costas para o Público / De Frente para a Câmara*, 2007) que, através de um corpo em esforço energético e dinâmico, encena uma corrida, que é sempre corrida contra ou em direcção à morte.
Despedimo-nos da sala olhando, ou sendo olhados, por um corpo de novo fragmentado: a cabeça de citação clássica e cega e o espelho que a reflecte, da escultura de **Rui Sanches** (*Reflexão III,* 1999).

Escadarias

Nas escadarias centrais do edifício, o corpo fantasmático apresentado no desenho de **Adriana Molder** (*Sem Título*, da série *Câmara de Gelo*, 2001), olha, inquietante, os alvos em movimento visual de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, 1997). Mas a presença mais perturbante nasce da adequação da pintura de **Nuno Viegas** (*O Festim*, 2007) à arquitectura do edifício e do seu tema ao tema da montagem actual: há uma mesa que é uma maca e uma cama; ou uma mesa rodeada de médicos ou visitantes ou comensais de uma refeição onde o menu é o próprio personagem que se encontra deitado – metáfora canibalesca do mundo actual.

Piso 2

No Consistório, **Joana Vasconcelos** repõe o seu lustre (*A Noiva*, 2001-05), irónica metáfora da condição feminina encenada numa sala onde a azulejaria barroca nos conta a pureza dupla da vida de Santa Isabel e da Virgem, sua prima.

Na sala anexa ao Consistório dois vídeos de **João Maria Gusmão e Pedro Paiva** convocam a radicalidade do equilíbrio a que os corpos podem estar sujeitos: a *Coluna de Colombo* (2006) é uma citação irónica da fundamental *Coluna sem fim* (1937-38), de Brancusi, e em *Fulcro* (2005), essa realidade é mostrada de forma ainda mais directa, imitando mas sabotando os procedimentos de uma experiência científica.

Na Galeria 4, as grandes estruturas de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, 2007), enquadram e repetem, nas faces desencontradas dos seus espelhos e vidros, a vasta galeria dos rostos graves ou derisórios, auto-encenados, de **Jorge Molder** (da série *Anatomia e Boxe*, 1996-97): através deles quase podemos imaginar a galeria de uma humanidade em crise.

Na Galeria 5 mantém-se a enorme estrutura de **Fernanda Fragateiro** (*Expectativa de uma Paisagem de Acontecimentos, III*, 2007) agora como cortina coadora de luz, e mantém-se também a estrutura de **Pedro Cabrita Reis** (*Ala Norte*, 2000), como corredor de portas que fisicamente nos constrangem. Surge uma gravura de **José Pedro Croft** (*Sem Título*, 2006), capaz de acrescentar vida a uma sala onde os desenhos de **Rui Chafes** (*Sem Título*, 1997) e a escultura *Febre* (1997), onde um corpo (ou melhor, o invólucro de um corpo ausente) dependurado liga o céu e a terra, são testemunhos de um sofrimento sobre-humano, onde o desequilíbrio do corpo na pintura de **José Loureiro** (*Sem Título*, 2003) pôde servir de mote ao conjunto da exposição que agora se apresenta e onde a diagonal estabelecida através de toda a sala pela peça de **Miguel Palma** (*Francisco Gentil*, 1997) se revela profundamente depressiva: julgando estarmos a ver, através do telescópio, uma nebulosa macrocósmica estamos, de facto, a ver o microcosmo de uma célula cancerígena.

Os desenhos de **Maria Lusitano** anunciam a Sala 7, onde passam os seus vídeos. No primeiro (*Existir – Projecto Existir*, 2005), seguimos a narrativa de um tuberculoso que nos confronta com a morte e com a cura. No outro vídeo (*O Homem com Excesso de Memória*, 2005), seguimos a narrativa de uma doença do foro mental: um hipermnésico.

Finalmente, na Galeria 6, uma peça de **Joana Vasconcelos** (*Cama Valium*, 1998), ironiza sobre o uso excessivo dos ansiolíticos. **Pedro Proença**, numa pintura inicial da sua carreira (*Sem Título*, 1984), repete a ideia de cama, mas para usos mais lúdicos: os de uma refeição "romana". No topo da sala, as pinturas de **Sofia Areal** (*J.S.M.* e *S.R.*, 1997), desafiam a verticalidade do espaço, citando a figura de dois actores de teatro. É **Jorge Rodrigues** (*Sem Título*, 2006) que, na sua abstracção quase monocromática, apazigua visualmente o conjunto. Finalmente, a *Lista de Verbos* (2006) de **João Leonardo** anuncia uma outra dimensão para o corpo: a da linguagem e da escrita, como meio de referir a acção e a reflexão. Nessa dimensão estão implicados corpo e mente, a luta da memória pela vida e contra a morte.

João Pinharanda
(Director de Programação do MACE)